

IDENTIDADE, MEMÓRIA DA MORTE E RELIGIOSIDADE: O culto e oferendas à Cigana no cemitério de Santo Antônio

Barbara Thompson¹
Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Vitória, ES

Resumo: Este artigo realiza uma análise de alguns dos pontos estruturantes e basilares do ritual no túmulo da Cigana Adélia Kothich que localiza-se no cemitério de Santo Antônio, em Vitória -ES. Há interesse em elaborar uma apresentação sobre como a pesquisa se estruturou e os dados do trabalho de campo obtidos até o momento. O rito estudado também pode ser nomeado como religiosidade no cemitério. Esta Cigana é uma morta que realiza graças, e devido a isso seu túmulo recebe visitantes constantemente, sendo que estas pessoas depositam variadas oferendas em cima do túmulo (velas, flores, cigarros, champagne). Metodologicamente realizou-se uma pesquisa de tipo qualitativo, tendo como prática central a etnografia e a pesquisa bibliográfica. Ademais, utilizou-se como instrumentos de coleta de dados o diário de campo, a observação participante, a entrevista e a análise conceitual. Dessa forma, ressalta-se que os dados etnográficos recolhidos em caráter parcial foram submetidos a um entrelaçamento com a teoria. O artigo conclui que toda troca promove aliança e inserção social. Quando um ente limiar, à margem, isto é, a Cigana no caso, é a figura central de um sistema de troca de cunho religioso ela contesta as noções de honra e poder que foram socialmente estabelecidas pelos dominantes.

Palavras-chave: Cigana; identidade; oferendas

Abstract: This article presents an analysis of some of the structural and fundamental aspects of the ritual at the tomb of Gypsy Adelia Kothich which is located in San Antonio cemetery in Vitória-ES. There is interest in preparing a presentation on how the survey was structured and fieldwork data obtained so far. The studied rite can also be named as religiosity in the cemetery. This Gypsy is a dead realizes that thanks, and because of this his grave receives visitors constantly, and these people put various offerings on the tomb (candles, flowers, cigarettes, champagne). Methodologically we carried out a qualitative research, with the central practice ethnography and literature. Moreover, it was used as data collection instruments the field diary, participant observation, interviews and conceptual analysis. Thus, it is emphasized that the ethnographic data collected in partial character underwent an interweaving with the theory. The article concludes that all exchange promotes alliance and social inclusion. When a threshold being on the sidelines, ie Gypsy in the case, is the central figure of a religious nature exchange system it challenges the notions of honor and power that were socially established.

Keywords: Gypsy; identity; offerings

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES). Email:barbara.tho@hotmail.com

1-Introdução

Este artigo orienta-se pela temática da minha dissertação de Mestrado, ou seja, tem como foco um ritual específico que existe no cemitério de Santo Antônio, no município de Vitória- ES. Neste cemitério o túmulo de uma Cigana atrai a atenção de todos que passam por lá. No Dia dos Mortos que é comemorado anualmente em 02 de novembro, há um grandioso número de visitantes da Cigana Adélia. Dessa forma, surgiu uma indagação inicial sobre a coexistência de ritos, ou seja, como se procede a ocorrência simultânea do ritual de Dia dos Mortos e do ritual à Cigana, visto que esses dois ritos possuem o uso de simbologias diferentes. Além disso, a identidade ambígua da Cigana (especial e iluminada x marginal) fomenta questionamentos. E há também a necessidade em compreender as configurações do sagrado na contemporaneidade. Através do culto à Cigana será possível acessar as noções sobre a morte e o sagrado segundo as concepções dos praticantes de tal culto. A partir dessas duas noções serão analisados os valores vigentes e atuantes na sociedade. O objetivo do artigo consiste em realizar uma análise teórica sobre os dados preliminares recolhidos do trabalho de campo. A etnografia e a pesquisa bibliográfica entram em uma simbiose que produzirá bons frutos para o entendimento do ritual. Os dados etnográficos preliminares foram recolhidos ao longo do ano de 2015, com visitas ao cemitério nas segundas feiras, que é um dia de devoção às almas e especialmente no dia de Finados.

1- ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA: OBJETO E PROBLEMÁTICA

Os lugares de memória segundo Nora (1991) possibilitam a existência de um ritual a uma sociedade desritualizada. Assim, evoca-se a presença do cemitério que constitui um lugar de memória e lugar ritualístico expressando um emaranhado de pensamentos e conflitos sociais. Estes ritos têm o poder de definir os grupos, estes têm a vontade de promover seu auto-reconhecimento e seu auto-diferenciamento.

Destaca-se que a elaboração de uma memória da morte e dos mortos é um processo existente em vários grupos ao longo da história humana. Caracteriza-se pela diversidade, sendo moldada de acordo com o contexto cultural. Os grupos estabelecem o que deve ser lembrado e quais são os lugares em que esta lembrança localiza-se. A memória

estabelecida a partir da morte de uma pessoa é tradicionalmente vivenciada no catolicismo. Este processo pode ser visualizado no culto medieval aos mártires, perpassando os rituais de dia de finados, até o atual culto aos santos de cemitério. Este último culto ganha voz entre a população sem obter um caráter de oficialidade pela instituição católica. A criação de uma identidade aos mortos cultuados e uma posterior identificação entre devoto e morto santo é um processo sócio-cultural que denota as relações entre o homem e a divindade.

Assim, o objeto central de estudo trata-se da memória existente no culto a uma personagem Cigana falecida e da identidade dos atores sociais que celebram tal culto. A Cigana é classificada como alma milagrosa pelos visitantes e trabalhadores do cemitério. O campo desta pesquisa encontra-se inicialmente no cemitério de Santo Antônio, localizado na cidade de Vitória, no estado do Espírito Santo-ES. E se ampliou para a comunidade de atores que realizam o culto, podendo a mesma ser constituída por ciganos ou por umbandistas. Ressalta-se que a Cigana é uma entidade religiosa presente na cosmologia da Umbanda. O culto será analisado no período histórico do século XX e XXI. A memória e culto aos mortos como uma manifestação religiosa permite a tradução dos grupos sociais e sua rede de conexões.

Deve-se ressaltar que durante a realização da monografia do curso de Ciências Sociais em 2013, ocorreu um estudo e observação de campo no Dia de Finados. A partir desse ponto surgiram diversas indagações acerca de um culto a uma falecida milagrosa que ocorria simultaneamente ao culto do Dia de Finados. Ambos enfatizam a lembrança, a memória do falecido. Constatou-se assim, que um túmulo em específico recebia um tratamento diferenciado, visto que, apresentavam um grande número de visitantes, e estes não possuem parentesco com o falecido. O culto ocorria no túmulo de um Cigana. Ademais, a falecida recebia os símbolos tradicionais do Dia dos Mortos e outros, como por exemplo, balas, cigarros e champagne. Segundo entrevistas realizadas na monografia, a prática do culto a Cigana é condenada pela maioria dos católicos que participam do Ritual do Dia dos Mortos. Neste contexto é possível lançar uma problemática; Existe de fato um culto diferente ocorrendo no interior do católico e formalizado ritual do Dia de Finados? Há uma contraposição entre um rito oficial e um culto não-oficial, não instituído por uma religião? Como se estabelece uma coexistência e diálogo entre esses dois ritos? Pode-se prosseguir com o problema e questionar; De que forma a memória e os “devotos” sustentam a

realização deste culto específico à cigana? Estas são as perguntas chaves para o desenvolvimento deste estudo.

A partir do problema central surgem perguntas secundárias e complementares, que são; Por que a cigana foi escolhida, sendo tratada de forma diferente? Quais atores sociais a nomeiam como morta especial? Como os praticantes do culto definem a identidade desta Cigana? Além disso, como os próprios Ciganos interpretam e representam a morte? E como lidam com a questão de estabelecer um lugar fixo para o corpo morto, visto que em vida prezam o nomadismo. Os ciganos estão inseridos em um grupo social que é notoriamente marginalizado, logo por que são classificados como especiais após a morte? Um ponto que expressa a relevância desta pesquisa é que será possível entender como os ciganos migram do status de marginais sociais para o de morto especial, milagroso. Será possível perceber como os fiéis da alma milagrosa definem e expressam o que é o sagrado e o profano. Estas assertivas norteiam a escolha dessa problemática de estudo.

2-REFERENCIAL TEÓRICO

Pode-se pensar em uma multicentralidade, e contra fluxos, ou seja a relação com o divino pode se concretizar por vários meios, não existindo um centro que estrutura e molda essa relação. Hannerz (1997) destaca as concepções de fluxos entrecruzados, o que pode ser aplicado ao campo do cemitério que será estudado, visto que o culto a cigana pode ser concebido como um contra-fluxo, aquele que destoa do centro, mas o influencia. O centro se constitui pelo que é instituído, dogmático, pela Igreja. Não obstante, a existência de uma multicentralidade não desconstrói completamente a noção de periferia e centro. Para Nobeit Elias (1982) os cemitérios são como espaços verdes das áreas urbanas, não remetem a morte. O cemitério é sinônimo de solenidade. As ações habituais da vida cotidiana não podem ser praticadas neste espaço. Assim, o culto a cigana se insere de uma forma diferenciada, visto que busca justamente estabelecer conexões entre a vida diária e o cemitério, uma vez que este é o local em que se alcançam graças que beneficiam a vida cotidiana.

De acordo com entrevistas anteriores realizadas com praticantes do Ritual de Finados estes relataram que viram várias pessoas colocam objetos/ oferendas no túmulo da Cigana com a finalidade de se obter uma graça ou a concretização de um pedido, configurando assim um

sistema de trocas. É possível relacionar a dádiva maussiana com estas “oferendas” aos mortos. Mauss (1925) ao dissertar sobre o sistema de dádivas, ou seja, trocas simbólicas em que vigoram o dar, receber e retribuir, permite conceber a dádiva como o fundamento da sociabilidade humana, uma vez que gera alianças. Assim, a dádiva isto é, a obrigação de retribuir presente, a reciprocidade da troca aplica-se ao culto aos mortos, uma vez que o vivo oferece um objeto e em troca recebe uma graça. Os mortos retribuem ao objeto recebido do mundo dos vivos, caso contrário poderá sofrer as intempéries do esquecimento, da destituição da dignidade de ser lembrado, gerando a real morte. Devido ao prévio estudo monográfico sabe-se que os vivos praticantes do culto aos mortos acreditam na comunicação com os falecidos e na sua influência no além, da mesma forma que o sobrenatural influencia os vivos.

Ademais, os rituais “revelam os valores no seu nível mais profundo [...] os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados.” (TURNER, 1974, p. 18-19). Provavelmente no túmulo da Cigana ocorre uma prática devocional, um culto. A devoção caracteriza-se como uma relação estabelecida entre o sujeito e o objeto de sua devoção. Nesta relação há uma dedicação fervorosa à alguém ou alguma divindade.

É válido destacar que este culto faz parte da chamada religiosidade popular. Jurkevias (2004) entende que estas práticas não estão vinculadas a uma instituição, e que, além disso, não conseguem ser enquadradas em uma religião específica. O comportamento dos praticantes não é sistematizado, conseqüentemente não é enquadrado em um conjunto de regras oriundas de uma fonte externa e superior à pessoa. Hannerz (1997) enuncia o atravessamento das fronteiras. A religiosidade constitui essa transposição fronteira entre cosmologias religiosas. No túmulo forma-se um híbrido, um pluralismo de valores que transita desde o catolicismo brasileiro até o candomblé. O estático é desconfigurado e vivencia-se o fluxo de ideias, o constante movimento possibilitando assim ressignificações do ato de acessar divindades. O termo sincretismo também auxilia na compreensão de aspectos estruturantes do culto à falecida Cigana. Todavia, Ferretti (1995) ressalta que, por vezes, o sincretismo pode ter um sentido negativo, pois refere-se a uma união e mistura, não legítima ou não desejada entre diferentes pensamentos religiosos. Sendo assim, uma mescla de valores derivadas de um colonialismo. Por outro lado, o sincretismo pode ser

entendido como elemento presente em todo e qualquer fenômeno religioso. Dessa forma, representa a construção de uma síntese composta de elementos diversos que resultará em algo novo.

A memória da comunidade cigana pode ser entendida como memória subterrânea. Pollak (1989) evidencia um conflito entre a memória oficial e dominante e as memórias subterrâneas, estas relacionam-se às camadas populares. Compreende-se os ciganos como uma comunidade étnica, uma vez que há uma crença na procedência, origem comum, como aponta Weber (1921). O sentimento de afinidade étnica é fomentado pela existência de uma comunidade linguística, pela homogeneidade da regulamentação ritual da vida que é proporcionada por ideias religiosas semelhantes, isto é, a religião pode ser apropriada como um elemento demarcador de um grupo. Todavia, fortes diferenças de dialeto ou religião não impedem o sentimento de comunhão étnica. Entre os ciganos há subgrupos rom, calon e sinti. Ademais, existe a questão da transnacionalidade, a origem é diversificada, seus costumes são mais complexos devido a maior existência de trocas culturais, construindo um mosaico cultural. É válido mencionar que será relevante descobrir qual subgrupo cigano a falecia milagrosa Adélia pertence. Para assim, compreender melhor os valores daquele grupo.

A identidade étnica dos ciganos se constitui através da alteridade, de forma que no processo de interação dos grupos sociais, percebe-se que alguém pertence a determinado grupo devido aos contrastes estabelecidos com o outro. A demarcação ocorre pela interação e diferenciação. Ademais, Hall (1992) destaca a fluidez da identidade na pós-modernidade, visto que o sujeito não tem uma identidade fixa, essencial. Nesse contexto, a partir do culto no túmulo da Cigana é possível analisar a identidade cigana como ente transitório, que ora se apresenta como marginal e ora como santificada, divina.

3-JUSTIFICATIVA

A escolha deste objeto foi inicialmente norteada pela questão de que os túmulos são construídos por uma sociedade que tem por objetivo perpetuar a memória dos mortos e o poder de alguns grupos. Assim, o cemitério de Santo Antônio é um espaço que mantém a memória e a história da cidade de Vitória-ES. Portanto, a relevância do estudo deste espaço funerário caracteriza-se pela presença de cultura material e imaterial. A problemática sobre

o estudo do culto aos mortos é relevante, pois possibilita compreender a maneira pela qual os grupos sociais expressam sua forma de lidar com a morte e com o morto. O estudo destas práticas traduz as transformações sociais. E com o resultado desta investigação será acessado como ocorrem as transformações religiosas de grupos da cidade de Vitória- ES. Analisando os movimentos de grupos religiosos, mudanças de mentalidades e hibridismos. Diante de um pluralismo religioso existente em nossa atual sociedade, torna-se válido o estudo de manifestações de religiosidade popular que permitem alcançar o entendimento da rede de sentidos estabelecidos entre religião e sociedade.

O Brasil é um país rico em manifestações religiosas populares. Em capitais e em cidades do interior, a presença dos mortos de cemitério que realizam graças é marcante. Tal fenômeno mostra-se relevante por evidenciar um processo religioso que acontece a nível nacional. Em pesquisa bibliográfica constatou-se a amplitude geográfica do processo de santificação popular. O objeto de estudo desta pesquisa será comparado com uma manifestação nacional. Destacando que não é um acontecimento peculiar da cultura capixaba e isolado de outras cidades. Consequentemente é parte integrante de uma rede de significados e transformações que ocorrem por todo o Brasil. Portanto, torna-se visível a relevância de estudar este culto.

4- BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Ao se realizar a pesquisa bibliográfica localizou-se a ocorrência de túmulos que são visitados por um grande número de pessoas e que recebem objetos variados. Esses mortos estão nos cemitérios em diversas partes do país. Além disso, como revisão bibliográfica complementar destacam-se teóricos que contribuem para o entendimento de como as sociedades lidaram e lidam com a morte.

A tese de Eliane Tânia Martins de Freitas (2006), apresenta um estudo nos cemitérios do Rio Grande Do Norte. Ocorre a devoção ao João Baracho e o Jararaca. O João Baracho em vida foi um bandido que ao fugir da cadeia foi fuzilado pela polícia. E Jararaca foi um cangaceiro enterrado vivo. A morte de ambos tem em comum o aspecto trágico, violento e público. Estes mortos ajudam os que se encontram na margem social, pois em vida os dois homens possuíam essas características. Algumas oferendas diferentes destas citadas são

associadas ao catimbó e religiões afro-brasileiras. Concluo que esta tese permite analisar a construção de memórias, que no caso pode-se classificar como memórias subterrâneas.

Jurkevics (2004) elabora um estudo acerca da religiosidade popular e das diversas formas de se estabelecer uma santidade. Direcionou-se a atenção para Maria Bueno, a santa de Curitiba, que não é oficialmente reconhecida pela Igreja Católica. Os jornais relatavam a morte por assassinato de Maria Bueno, que fora praticamente decapitada no final do século XIX. A postura moral da santa é construída pelos jornais de forma contraditória, uma vez que, ela aparece como mulher recatada que morreu em nome de sua virgindade. Já em outros momentos, apresenta moral duvidosa, e se mostra como aliada do homem que depois foi seu assassino.

O estudo de Lourival Andrade Junior (2008) tem como objeto central o culto dedicado a cigana Sebinca Christo, que após a sua morte se tornou milagreira. Esta prática de religiosidade popular ocorre em um cemitério da cidade de Lages, no estado de Santa Catarina. Ademais, compreendeu-se como a cigana superou o preconceito dos devotos que não tem proximidade com a cultura cigana. Em suma, a principal correlação entre todas estas devoções de norte a sul do Brasil se trata do fato de serem enquadradas como memórias subterrâneas, visto que, a história de vida dos mortos santos retrata situações que o classificaram como pessoas à margem da sociedade e após a morte foram homenageados.

Será abordado a partir deste ponto os autores enquadrados como revisão bibliográfica complementar, ou seja, Philippe Áries, José Carlos Rodrigues. A primeira obra é do autor Philippe Áries, este realizou uma análise de como as sociedades ocidentais se posicionaram diante da morte. No capítulo a morte do outro, o autor destaca que um novo ritual ganhava força desde o século XVII, este ritual era a visita regular ao túmulo do morto. O culto moderno dos mortos é um culto da lembrança ligado ao corpo.

Já o antropólogo José Carlos Rodrigues (2006) elaborou ideias da morte como sendo um tabu. O estudo destes ritos é algo sociologicamente relevante, uma vez que a morte de um indivíduo é a ocasião em que o grupo produz a sua reprodução, seja no aspecto cultural, simbólico ideológico como no plano das estruturas sócio-econômicas. A consciência não consegue pensar o morto como morto e por isso acaba atribuindo a ele uma vida.

Em várias culturas a morte tem um axioma fundamental que seria: a ideia de que a morte não aniquila o ser, ela abre portas para o além. Na arquitetura cemiterial é possível ver concepções de que o morto não é mais reconhecido como morto, mas sim é conservado na memória de seus parentes. Os trabalhos evidenciados como revisão bibliográfica complementar têm em comum a ideia de exclusão e ocultação da morte. Uma frase que sintetiza esta ideia é apresentada por Rodrigues que consiste em dizer que: a ação agora é neutralizar os ritos e ocultar tudo que diga respeito a morte.

5-OBJETIVO

5.1 Objetivos gerais/ principais

Analisar a construção social da memória e a formação de identidades a partir do culto ao túmulo da Cigana no cemitério de Santo Antônio. E a partir disto compreender a relação entre o tradicional Dia de Finados e o culto não-oficial à Cigana. Estes objetivos gerais não foram alcançados, visto que é necessário obter mais dados etnográficos.

5.2 Objetivos específicos

Descrever os sentidos da vida e da morte para os frequentadores do culto no túmulo da Cigana. A partir de um trabalho de campo prévio constatou-se que o culto ao túmulo da Cigana ocorre durante a realização do Ritual de Finados. Assim, é um objetivo analisar como se estabelece a coexistência e diálogo entre esses dois ritos que enfatizam a memória. Busca-se analisar de que forma a religião dos devotos influencia as práticas de culto ao túmulo da Cigana. É necessário descrever e analisar o conjunto dos símbolos usados para a realização do culto e oferendas como, por exemplo, flores, velas, vestimentas, orações, terços, balas, maquiagem, bijuterias, cigarros. Busca-se compreender o túmulo como símbolo ritualístico. Ademais, o espaço físico do cemitério é descrito realizando uma tradução de simbolismos presentes nos estilos mortuários dos túmulos, como: identificações, data, e discursos epigráficos. Há descrições de como os “devotos” interpretam suas próprias práticas e comportamentos perante o túmulo e ao morto. Por fim, analisa-se o que motivou os devotos a buscarem ajuda de uma falecida Cigana. Compreender porque esta falecida em específico foi escolhida. Tendo como perspectiva que o grupo Cigano é socialmente marginalizado no Brasil. Ademais, há análises os

“pedido” e “graças alcançadas” segundo as inscrições que observei em trabalho de campo preliminar.

6- METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A metodologia escolhida e que melhor se adapta ao objetivo do trabalho consiste na etnografia, que é a pesquisa de campo com abordagem qualitativa. De acordo com a definição do objeto será possível realizar um estudo descritivo e interpretativo, isto é, no trabalho ocorrerá a descrição minuciosa do culto a alma milagrosa de cemitério. Depois será feita a interpretação dos símbolos encontrados no culto, analisando a construção social da lembrança da falecida Cigana. O uso da história oral e história de vida será válido, uma vez que, assim será possível acessar as narrativas contadas sobre a vida da cigana e que dão coerência a realização do ritual. E conseqüentemente será possível estabelecer um diálogo entre o informante/ entrevistado e o analista/entrevistador. Assim, para Debert (1986) o informante pode dar novas direções à pesquisa, analisando as problemáticas aqui propostas sob um novo olhar. Os relatos orais permitem ao pesquisador rever interpretações e desenvolver novas hipóteses.

Portanto, ocorreu uma observação do gestual ritualístico e um registro do número aproximado de visitantes do túmulo da Cigana, especialmente no Dia de Finados (02 de novembro) e em outras datas especiais, como o Dia das Mães (segundo domingo de maio), nos dias de festa à Santa Sara de Kali, que é padroeira dos ciganos (24 e 25 de maio), no Dia Nacional do Cigano (24 de outubro), no dia de Halloween, que é dia das bruxas (31 de outubro) e por fim, no dia de todos os santos (01 de novembro). Essas datas foram escolhidas, uma vez que um número significativo de pessoas se deslocaram ao cemitério, seja para visitar um parente, orar pelas almas no cruzeiro ou visitar um morto especial, iluminado de cemitério.

Os procedimentos de pesquisa que são utilizados neste trabalho referem-se à entrevista e observação participante. Foi realizada uma observação no Dia dos Mortos, a primeira em 2015, e a segunda será em 2016. O mesmo ocorreu no Dia das mães, no dia da Santa Sara de Kali, no Dia Nacional do Cigano, no Halloween e no Dias de Todos os Santos. Assim, especialmente no Dia de Finados em 2015 foi feita a observação participante de culto à

morta milagrosa, direcionando a atenção para o uso de símbolos como flores, velas, orações, vestimentas, gestos e os outros objetos que são depositados em cima do túmulo estudado. E observou-se a fotografada a forma tumular. Ademais, a observação participante inclui o contato com os funcionários do cemitério e como estes se relacionam com o túmulo da falecida Cigana. Até a presente data foram entrevistados seis funcionários, são eles: Marilde, Marcelo, Letícia, Coveiro 1, secretária 2, porteiro 1. Até o momento contabiliza-se um total de 15 visitas ao cemitério, e a entrevista de 33 pessoas que realizam o culto no túmulo da Cigana nos Dias dos Mortos em 02 de novembro de 2015. Porém com as entrevistas dos funcionários e mais as 4 entrevistas feitas em profundidade -que serão explanadas no próximo tópico- o número total de entrevistados passa ser 43.

Como a comunidade de atores participante do ritual à falecida Cigana se ampliou para o grupo umbandista, então integrantes desse grupo religioso foram entrevistados. Duas casas umbandistas foram escolhidas: Associação Templo Umbandista e Espírita Príncipe Cigano, localizado em Setiba, Guarapari e o outro terreiro é a Aldeia do caboclo sete folhas da jurema organizado por Jussara Kalin. O primeiro terreiro foi descoberto através de uma devota Umbandista chamada Érica. E o segundo terreiro é da filha de Eraldo Kalon que era cigano, umbandista e devoto da Cigana Kostichi, sendo, portanto, um devoto relevante para o estudo da constituição da identidade, visto que Eraldo transita entre grupos distintos.

7-DADOS DA PESQUISA DE CAMPO E ENTREVISTAS APROFUNDADAS

O culto à Cigana gera uma experiência com o sagrado e com a morte, e a partir deste ponto é possível acessar valores relevantes, que vigoram socialmente. Defende-se que o culto a ser estudado aponta para a ideia de não separação entre corpo e alma. Há uma valorização simultânea da vida terrena, da materialidade e dos aspectos espirituais. O culto revela uma ânsia pelo fim desta dicotomia entre o mundano X espiritual. O ator-devoto pode transitar, desenvolvendo fluxos e transposição de fronteiras. Aponta-se para a valorização de processos de hibridização por meio das oferendas colocada em cima do túmulo.

Percebe-se que os visitantes do túmulo da Cigana constituem um grupo interiormente diverso. Assim, eles englobam uma heterogeneidade cultural, isto é, práticas, saberes e crenças variadas. Isto pode ser visualizado ao perceber que o culto unifica diferentes valores religiosos. Por exemplo, quando uma pessoa deixa uma flor em cima no túmulo da Cigana, está realizando uma ação que é comumente praticada pelos católicos e tem por finalidade homenagear um falecido. Outro exemplo é quando uma pessoa oferece objetos (vela, cigarro, maquiagem, champagne) para a Cigana e pede em troca que um desejo seja realizado. Este sistema de trocas é frequentemente realizado na prática umbandista e candomblecista. Apenas com estas duas exemplificações já é perceptível que diversas práticas religiosas são misturadas no ritual à Cigana.

Portanto, ao mesmo tempo que um grupo é interiormente diverso, seus membros se identificam como participantes de uma unidade, incorporando a noção de que existe um “nós” e que se diferencia dos “outros”. Cria-se uma identidade no interior do grupo. Assim, mesmo que correntes divergentes (candomblé e catolicismo) existam no interior do grupo, essas correntes serão visualizadas como sendo convergentes, pois geram um aproximamento. Os que vivenciam a religiosidade no cemitério estabelecem sinais diacríticos que os identificam como sendo membros do grupo dos “devotos”² da Cigana. Quais sinais diacríticos seriam estes? Como meu trabalho de campo ainda está em andamento há uma análise parcial do processo. Porém, algumas percepções já se estabelecem, e uma delas refere-se ao fato do membro do grupo ter uma familiaridade com crenças oriundas do catolicismo, especialmente o culto às almas. Como o culto à Cigana é realizado no dia das almas, isto é toda segunda feira constatou-se uma aproximação entre os dois cultos. Ademais, todos os devotos da Cigana relataram que são praticantes do culto às no cruzeiro do cemitério.

A familiaridade com crenças do catolicismo caracteriza-se como sendo um elemento identificador do grupo da religiosidade de cemitério, uma vez que o ritual à Cigana é majoritariamente praticado no dia de uma festividade católica (Dia de Finados). E diversos valores do Dia dos Mortos e conseqüentemente do catolicismo, estão no culto à Cigana, por exemplo: visitar o túmulo de um falecido querido e importante, dar flores e orar pelos

² O termo devoto é utilizado por uma funcionária do Cemitério de Santo Antônio. Ela usa esse termo para se referir a própria relação que mantém com a Cigana. Todavia, a validação do uso deste termo será expandido ou diminuído, na medida em que mais visitantes do túmulo forem entrevistados.

mortos, fazer um agrado ao falecido cuidando ou decorando seu túmulo, acreditar que a alma não morre, logo todos estão vivos. Portanto, para praticar o culto à Cigana a pessoa deve se relacionar com valores católicos, seja ora os respeitando, ou seja, ora acreditando.

Assim, o grupo dos praticantes da religiosidade de cemitério possuem duas características que estão presentes nos grupos étnicos, as quais são: diversidade interna e simultaneamente a isso desenvolvem uma unificação, um coletivo que integra todos os seus membros formando um “nós”, uma comunidade. O grupo de devotos da Cigana manifesta mais nitidamente o sentido de “nós” no dia dois de novembro, quando as pessoas se reúnem em torno do túmulo para depositarem suas oferendas. Este é o momento de união física, presencial do grupo.

Por outro lado, a influência da Umbanda é notória. Diversos símbolos deixados sobre o túmulo são iguais aos que são ofertados para entidades Ciganas. Os símbolos são: champanhe, maquiagem, joias, flores vermelhas, maçãs, lenços coloridos, cigarros, espelhos. Em entrevistas os devotos relatam como concebem a Cigana, isto é, sendo uma mulher jovem, bonita e com poderes mediúnicos. As descrições e oferendas associam a lápide da Cigana Adélia Kostichi às entidades Ciganas. Ademais, diversos devotos falaram que são umbandistas. Por outro lado, alguns se esquivam dessa auto-denominação e falam que são espíritas, sendo esta uma categoria religiosa mais vaga e abrangente o que permite o devoto ser um indivíduo em trânsito entre várias religiões. Quando as pessoas deixam oferendas no túmulo esta é uma forma de agradecer por uma graça que a Cigana realizou para a pessoa. Assim, se estabelece uma troca entre os vivos e os mortos. A cigana é considerada honrada e um ser de luz. E na troca existente no cemitério os devotos da Cigana desentrem um estigma de que os ciganos são trapaceiros e ladrões. Em suma, os dados em conjunto com o aporte teórico selecionado permitem acessar a atuação e construção de identidades múltiplas, dúbias e com forte presença de hibridismo entre os devotos, sendo que a própria Cigana Kostichi é multivocidade.

Em campo entrei em contato com Maria Cigana, que é devota e deixa constantemente oferendas na lápide da falecida Cigana Kostichi. Esta devota em questão se define como cigana e médium. Além disso, ela reivindica ser parente de Adélia Kostichi. Dessa forma, foi necessário realizar duas entrevistas em profundidade com ela. Em uma dessas entrevistas ela incorporou entidades ciganas e uma delas se definiu como sendo a própria

Adélia Gomes Kostichi que está enterrada no cemitério de Santo Antônio. Ou entrevistado com roteiro de entrevista especial foi Toninho cigano, homossexual, cigano e devoto da Cigana Adélia. Há também o caso de Marilde, uma das zeladoras que é umbandista, devota da Cigana e que fez a promessa de cuidar do túmulo da Cigana enquanto possuir vida. Por fim, encontrei na pesquisa de campo do cemitério a devota Érica. Esta também é umbandista e me apresentou a Associação Templo Umbandista e Espírita Príncipe Cigano, localizado em Setiba, Guarapari (ES) Erica relatou que por meio de uma conversa com a entidade Pai Joaquim ela foi aconselhada a fazer oferendas em cima da lápide da Cigana Kostichi. Todos os entrevistados, são seres híbridos e transgressores, donos de uma religiosidade complexa e multívoca. Dessa forma a identidade desses devotos e a Cigana Kostichi estão em consonância, visto que uma constrói a identidade do outro.

Considerações Finais

Quem não troca não é integrado em parte alguma. A dádiva é compreendida como uma forma de sociação, sendo construtora e reconstrutora de comportamentos sociais. A aliança e mistura de alma promovida entre aqueles que estão envolvidos na dádiva insere a Cigana num contexto positivo. Os visitantes do túmulo da cigana milagrosa se identificam com as características desta cigana e a reclassificam atribuindo honra e poder à falecida. Devido a isso o visitante do túmulo mágico escolhe misturar sua alma com a alma da cigana através de trocas simbólicas.

9- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente: Da Idade Média aos nossos dias.** trad. Priscila Vianna de Siqueira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

DEBERT, Guita G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, R. C. L. (Org.) **A aventura antropológica. Teoria e pesquisa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. Parte II, p. 141- 156.

ELIAS, Norbert. (1982). **A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer.** Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 2001

FREITAS, Eliane Tânia Martins. **Memória, ritos funerários e canonizações populares em dois cemitérios no Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia), UFRJ, 2006.

FERRETTI, Sergio F. **Repensando o sincretismo**. São Paulo, EDUSP/FAPEMA, 1995.

HALL Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

HANNERZ, Ulf. **Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional**. *Mana* [online]. 1997, vol.3, n.1, pp. 7-39.

JÚNIOR, Lourival Andrade. **Da barraca ao túmulo: Cigana Sebinca Christo e as construções de uma devoção**. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

JURKEVIAS, Vera Irene. **Os Santos da Igreja e os Santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular**. Curitiba, Tese (Doutorado em História) UFP, 2004.

LE GOFF, Jacques. (1988) **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 353p Campinas, SP: Editora da UNICAMP, (Coleção Repertórios), 1990.

MAUSS, Marcel. (1925) **Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac Naify, 2003, p. 185-314.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: n°. 10, p. 07-28, dez. 1993 [1991].

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Acesso em: dez./ 2012. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

TURNER, Victor W. **O processo ritual**. Estrutura e anti-estrutura. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974. p. 116-159.

WEBER, Max. (1921) **Relações comunitárias étnicas**. In WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Brasília, Editora Universidade de Brasília: São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999, p.268-277.